

Resenha do livro de Vera do Val, "*O Imaginário da Floresta*". São Paulo: Martins Fontes, 2007, 96 páginas.



O IMAGINÁRIO DO BRASIL

*Marcelo Domingues D'Ávila**

Nas primeiras páginas deste livro, a autora, Vera do Val, pergunta a seu leitor: Para onde você vai, curumim do Alto Rio Negro? Entre vários caminhos possíveis, mais que perguntar, este *Imaginário da Floresta* aponta direções a seguir. Fazendo as vezes de guia nesta jornada, Vera resgata um pouco da identidade, da inocência e da juventude tupiniquim antes vista em Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Edy Lima, José Mauro de Vasconcellos e Érico Veríssimo – e que andavam um tanto esquecidas, perdidas talvez dentro de algum guarda-roupa, entre leões e feiticeiras.

Desta forma, em vez de indicar o caminho de universos fantásticos onde sociedades secretas reúnem-se em torno de anéis mágicos, Vera nos leva pelas mãos a conhecer nossas próprias origens, visitando a gênese de tudo, num mundo “sem mortes e sem trabalho” - como conta “A Criação do Mundo”, versão Xingu do mito cristão diluviano; onde “só existia o dia” e as estrelas ainda não brilhavam no céu. Neste passeio não seremos bruxos aprendizes a estudar em castelos improváveis, mas guardiões da “Árvore de todos os frutos”, como Macunaíma, caçadores implacáveis como Begorotire e apaixonados como Jurutai. Tampouco

seremos heroínas sensuais de vídeo-games em busca de relíquias perdidas, mas teremos a beleza e a força de uma Dinahí tornada Mãe-d'água pela vontade da Lua e a magia de Onhiamuçabé protegendo o Noçokem.

O mundo que se abre a partir deste imaginário não tem os sons digitais de iPods e MP3, mas a beleza da voz e da flauta de lapinari e o canto do Uirapuru pranteando seu amor; não acha espaço para as paixões de ocasião das novelas adolescentes, mas tinge com tons enamorados as seduções do Boto e do deus-Lua; não depende dos poderes sobrenaturais de super-heróis mutantes, mas da bravura ingênua de Ajuricaba.

Nossa jornada talvez finde na maior metáfora de todas, a assembléia dos Waís-masãs, homens-peixes que habitam as profundidades dos rios amazônicos: Norato, o chefe, convoca a reunião “para descobrir os motivos que andavam levando o povo Waí-masã a desaparecer cada dia mais”.

Na montagem deste livro, Vera do Val, uma paulista radicada em Manaus, pesquisou e recolheu lendas e mitos dos povos amazônicos. Aqui desfilam histórias de Arawetés, Kunibas, Makuxis, Kayapós, Aikanás, Uaiás, Manaós. Muitos deles já extintos ou em processo de extinção. Como os Waís-masãs da lenda, que não sabem as razões de seu desaparecimento. Ignoram os anzóis e azagaias que de outros nortes os fisgaram e abateram durante tantas décadas, sufocando aos poucos sua identidade cultural.

Este livro é dedicado aos curumins de São Gabriel da Cachoeira, mas também é dos piás da pampa sulista, dos moleques da Praça da Sé, dos meninos e meninas da Candelária, dos manezinhos da Ilha; nasce nas águas do Amazonas e do Negro, mas também bebe no Araguaia, no São Francisco, no Paraná, no Tocantins, no Tiete. Porque esta imensa floresta e seu imaginário é ela inteira a terra do Pindorama, chamada Brasil.

E haveremos de cuidar que não existam mais anzóis e azagaias e caroços de tucumã entalados em nossas gargantas nativas; haveremos, guiados pelas mãos, de resgatar a identidade curumim de cada um e de todos, negando aos que ainda resistem o mesmo destino dos Waís-masãs; haveremos de transformar nossa realidade neste imenso imaginário.

Lá de cima, os olhos dos curumins-guerreiros, vertidos em estrelas, velam por nós.

* Marcelo Domingues D'Ávila é escritor.